

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte Jornal do Brasil Class.: Amaz./Queimadas  
 Data 15/09/93 Pg.: 11 64

## Amazônia a ferro e fogo

WASHINGTON NOVAES \*

O amigo chega assustado do Tocantins: "Sai de Palmas à noite, de lá até Goiás é uma fogueira só."

É sempre assim, todo ano. Parece não haver força capaz de mudar a cultura do Centro-Oeste e Amazônia (a parte mais seca). Não há informação que convença fazendeiros e seus empregados de que não estamos mais no tempo em que uma fazenda ficava a quilômetros e quilômetros da outra, quando um pouco de fogo para queimar restos da colheita ou pastos ressequidos não chegava a ser problema. Com o adensamento demográfico e as queimadas de florestas nos grandes projetos, a estação seca no Centro-Oeste e partes da Amazônia se transforma num festival de fogo. Bruma seca e fumaça misturam-se para esconder o horizonte e avermelhar o sol. Quem terá força, condições, para mudar esse quadro?

Há exatos 10 anos, em setembro de 1983, circunstâncias de trabalho me levaram a Rondônia. Já naquele tempo, o pequeno avião Sêneca não conseguiu localizar a pista de pouso, em Ji-Paraná, tanta era a fumaça das queimadas.

Na Rodovia de Ji-Paraná tudo parecia uma só queimada. E lá, na barranca do rio São Miguel, numa choupana de palha, estava Seu Francisco, com família, mulher e cinco filhos. Acabando de fazer uma queimada para abrir espaço à plantação de mandioca que responderia pelo sustento de todos.

Seu Francisco já sabia que a terra era "fraca", uma camada superficial mas fértil, na qual as árvores estendiam na horizontal suas raízes e, embaixo, areia, só areia. Sabia que muitos fazendeiros que haviam derrubado a mata para plantar café entusiasmar-se com a colheita já no segundo ano, para vê-la diminuir no terceiro e quase desaparecer já no quarto ou quinto.

Mas que podia ele fazer, sozinho, sem apoio, sem nenhum outro recurso para sustentar a família?

Seu Francisco era o retrato econômico, político e social do Brasil destas últimas décadas. Estava na décima-quarta migração, aos cinquenta e poucos anos de idade! Ele conta um dos lados da história da ocupação do Centro-Oeste e Amazônia pelos deserdados da sorte. Do outro lado, ficam os grandes projetos, quase invariavelmente financiados com dinheiro público subsidiado — e quase invariavelmente desviados para a especulação financeira ou para a imobilização: um levantamento do próprio governo federal mostrou que dos 766 projetos — a maioria agropecuários — financiados a partir de 1966 pelo Fundo de Investimentos da Amazônia, apenas 90 foram implantados de acordo com os projetos aprovados e só três se tornaram rentáveis.

Quando não são projetos agropecuários, são como aqueles outros que o JORNAL DO BRASIL já demonstrou exaustivamente serem absurdos — como o das gusarias da área da Grande Carajás, que exportavam gusa para a Europa a US\$ 120 por tonelada, consumindo mais de uma tonelada de carvão vegetal (floresta queimada) por tonelada de gusa, e fazendo de conta que não sabiam que só a tonelada de carvão vegetal valia nos portos europeus uns US\$ 300. Como não podiam exportar carvão vegetal (recebiam subsídio para exportar gusa), nem precisavam pagar quase nada pela floresta e pelo carvão, vendiam pelos US\$ 120 — mostrando com clareza os caminhos pelos quais o Primeiro Mundo fica mais rico e mais limpo (livrando-se de gusarias) e nós ficamos mais pobres, mais sujos e mais devastados.

É nessas coisas que é preciso pensar quando começa a grita pelo "desenvolvimento da Amazônia" já, a qualquer preço. Que desenvolvimento? O desenvolvimento que produz aos milhões migrantes como Seu Francisco? O desenvolvimento das gusarias? O dos projetos agrope-

cuários fajutos, à custa dos cofres públicos? O desenvolvimento que nos endivida em bilhões de dólares para construir megasinas hidrelétricas que fornecem energia elétrica a preço abaixo do custo a exportadoras de alumínio (indústrias que o Primeiro Mundo não quer em seu território exatamente por causa do intensíssimo consumo de energia elétrica)?

Até aqui, os estudos do Banco Mundial vêm dizendo que desenvolvimento *sustentado* na Amazônia só mesmo com extrativismo. É possível que haja outros formatos, que haja lugares onde se possa de fato aliar a exploração econômica à preservação ambiental. Mas para saber isso o primeiro passo é construir, na escala adequada, o macrozoneamento ecológico e econômico da Amazônia, que se arrasta há muito, por falta de recursos — basta perguntar ao almirante Mário Flores, da Secretaria de Assuntos Estratégicos, e ele com certeza informará que este ano teve menos de 5% dos recursos que pedia para esse projeto.

Não dá para resolver os problemas da Amazônia fazendo de conta que é uma região igual a qualquer outra. Colonizável como todas as outras. Não é. A começar porque, como diz o poeta Thiago de Mello, lá é a pátria da água, tudo é água, mais água que qualquer outra coisa. Depois, porque se trata de uma região peculiar, frágil, atípica. E principalmente porque ali está a maior parte da biodiversidade desse nosso planeta já tão devastado e aflito.

Ir devagar com o andar não nos faria mal. E dá certo desalento verificar, na relação publicada pelos jornais, que ali não figura o ministro do Meio Ambiente entre os que foram chamados a decidir o futuro da Amazônia na reunião do Conselho de Defesa Nacional. Assim é demais.